

# O caso Dick à luz do paciente A.: um novo caso para a psicanálise

## Comentários a partir de *O sujeito na entrada da estação,* de Luis Achilles Furtado (org.)

---

Beatriz Chnaiderman

Fazer caso de um caso clássico da psicanálise, será esse o caso? O novo livro de Achilles não aborda o velho caso do menino do trem a quem Klein teria oferecido a chance de se deixar representar como sujeito de um significante a outro com sua conhecida interpretação *Dick trem/Papai trem*. É claro que o livro também percorre os comentários de Klein e de Lacan, daquela que fez de Alan o caso Dick, diagnosticado com *dementia precox*, sem deixar de “se sentir desconfortável com os limites das categorias diagnósticas de sua época” (Furtado, 2021, p. 41) e daquele que fez caso do caso Dick especialmente no *Seminário 1*, apontando que “a ‘chave do caso’ é justamente o fato de Dick não conseguir fazer uma conjugação entre o imaginário e o real” (Furtado, 2021, p. 61).

O caso de Klein e o caso que Lacan faz dele já fazem um denso percurso, que pode ser percorrido com diversas indagações: pode-se perguntar pelo autismo de Dick, pelo “nascimento do Outro”,<sup>1</sup> pelo enodamento entre Real, Simbólico e Imaginário... Certamente, pode ser o caso de abordar com novo frescor esse caso!

Mas não é bem essa a proposta de Achilles e seus alunos nesse livro. Os autores selecionaram, traduziram e analisaram manuscritos de Klein sobre o paciente A. (inicial do verdadeiro nome de Dick: Alan) datados de 1941 e disponibilizados na internet pela fundação Melanie Klein Trust. Com esses manuscritos, além da referência ao célebre artigo de Klein, *A importância do símbolo no desenvolvimento do ego*, de 1930, estamos diante de outro caso. Trata-se de um garoto que está em análise com Klein desde os 4 anos e agora está com 16. O garoto abre os jornais diante de Klein, atônito, atrás de notícias sobre a guerra. Seu “Hitler interno”, que é como Klein interpreta seu interesse por esse criminoso, pode atacar a qualquer

---

1 Referência ao livro de Rosine Lefort, *O nascimento do Outro*, de 1984.

momento, quebrar pactos, fazer investidas que não fazem sentido nenhum... isso o preocupa muito! Ele vai ligar para Hitler, dizer a ele para não fazer isso... A *World War* que este livro faz escutar *Word War* — guerra da palavra — ocupa esse jovem, bem como a vida conjugal de sua tutora e até mesmo a da analista, assim como o amigo que falava alto demais no cinema...

Percebem? Não estamos falando do Dick de 1930, o caso de Klein sobre o qual Lacan falou.

Klein descreve o menino como tendo um vocabulário pobre, com um desenvolvimento débil em relação à sua idade. O garoto parecia destituído de afeto, não buscava comunicação nem tinha o desejo de ser inteligível — ou seja, não fazia apelo (...) quando falava usava um vocabulário incorreto; era negativista quanto aos apelos da mãe; e juntava os sons de um modo sem sentido e repetia alguns barulhos. (Furtado, 2021, p. 40)

Passemos para o jovem que Klein atendia em 1941:

Em 1941, nos deparamos com um adolescente que consegue realizar operações matemáticas, lê partituras, se dedica ao estudo de instrumentos musicais, frequenta uma escola regular, mas apresenta dificuldades quanto às interações sociais, mantém uma leitura sobre os fatos bastante literal e é repetitivo e ritualístico no decorrer das sessões. (Furtado, 2021, p. 131)

Estamos diante de um caso que é atendido diariamente em psicanálise há mais de 11 anos! No livro de Achilles, encontramos um ensaio de categorização psiquiátrica de Dick nos parâmetros do DSM V. É claro que tais parâmetros não dizem muito sobre a fecunda discussão sobre o autismo na psicanálise. Mas o que o ensaio aponta de curioso é que, nos parâmetros médicos rígidos do DSM V, Dick evoluiu de um quadro de TEA nível 3 para um quadro de TEA nível 1 ao longo de seu tratamento psicanalítico. Ou seja, para aqueles que tomam como verdade os critérios aí escritos, fiquem sabendo: a psicanálise pode colaborar no tratamento do autista...

Certamente, esse novo caso clínico que temos em mãos amplia o horizonte das questões que o caso já levantava, especialmente quanto ao diagnóstico de Dick. A própria Klein estava insatisfeita com a categoria de *dementia precox*. Segundo o livro, ela falava do sadismo de Dick, mas parece que mais tarde se retificou numa conversa com Hanna Segal, dizendo que se tratava mais de identificações projetivas e concretizações — no sentido de tomar as palavras em seu sentido concreto.

Esse ponto é muito sensível! Seria um passo muito grande dizer que Dick trata as palavras como coisas! Há uma passagem de Nominé, em um texto seu publicado na revista *Marraio* que faz pensar nesse uso “concretizado” da linguagem:

Nós que não somos autistas (...) admitimos que para satisfazer nossas necessidades e gozar um pouco a vida é melhor estar conectado ao circuito dos significantes do Outro e lhe endereçar nossas demandas. Pois bem, essa criança [autista] faz exatamente o contrário: ela se serve do significante (...) mas ela não o utiliza para se dirigir ao Outro, e sim para alimentar seu próprio elo, que funciona em circuito fechado. Nenhuma alteridade, portanto, na maneira pela qual ela utiliza o significante. (Nominé, 2001, p. 20)

Esse caso nos coloca no centro dessa discussão sobre o autismo. Para além de quarta estrutura ou não, é muito radical a posição linguageira do autista, bem como seu tratamento. Essa questão avançou muito desde Klein e Lacan, inclusive entre os colegas dos Fóruns do Campo Lacaniano. As vias estão abertas para reinterpretações do Caso Dick a partir do Caso A. e dos avanços da psicanálise.

Uma questão que podemos colocar, por exemplo, a partir desse novo material é: que lugar ocupava Klein para A.? Para além da grande cena do trem que estabelece um antes e um depois — ela é recortada como tal no artigo de Klein — que possibilitou que Dick começasse a falar, embora claramente ele já estivesse inserido na linguagem — para além dessa cena, ao longo desses onze anos, onde operavam as incisivas falas da analista sobre seus objetos internos e afetos? Cito um exemplo de um manuscrito denominado *Crises II: antes e depois da crise*:

Em um dos dias mais críticos, após haver falado sobre as máscaras de gás e do bombardeio de Hitler a Londres, deita-se no divã e toca a região genital, e então levanta-se, dizendo que lhe dói onde ele tem o apêndice. O apêndice lhe foi tirado alguns anos antes, & vasto material mostrou que isso permaneceu como o mau pênis internalizado. Depois da interpretação de que o apêndice o machucava porque ele era bombardeado pelo Hitler interno [*by Hitler inside*], o mau apêndice estava de volta, sente muito alívio e pode considerar o que precisa ser feito durante a guerra. (Klein citado por Furtado, 2021, p. 267)

Por que a interpretação de Klein traz alívio a Dick? Essa questão é intrigante e nos ajuda a aprofundar no caso. Trago para a conversa um texto de Laznik:

É frequente na clínica dos autistas de bom nível e que falam, que eles nos digam o quanto as leis que regem o mundo, a escola, a família, lhes dão alívio. Eles não pedem mais do que se submeter a elas, ainda que seja necessário que elas sejam explícitas, já que eles não podem deduzi-las da relação imaginária com o outro. Relação que eles não têm. Curiosas leis que só se articulam a um real. (Laznik, 2016, p. 430)

A autora defende nesse texto que o nó do autismo deixa de fora o imaginário. Embora os autores de *O sujeito na entrada da estação* não utilizem essa leitura, ela está muito afeita com este fragmento de Achilles: “Temos que o sujeito mantém uma relação com o Outro (lugar dos significantes, simbólico), mas mantém a relação com o outro (imaginário) em suspenso” (Furtado, 2021, p. 66). Tomando a hipótese de Nominé, para quem o autista é presa do simbólico, uma vez que não há Outro, temos uma discussão muito fecunda sobre essa clínica e suas formalizações!

Esse acesso ao simbólico sem o Outro, como pensá-lo? Acompanhemos Nominé:

A posição autística seria caracterizada por uma recusa primordial e radical do sujeito diante dessa posição de objeto do Outro, justamente porque não se trataria de ser o objeto desse Outro desejante e inconsciente, mas de ser o objeto dessa potência hipotética, inflexível e totalitária a exigir que o ser seja sacrificado em sua totalidade sobre o altar do significante, sem resto. (Nominé, 2001, p. 16)

Klein enlaça as ameaçadoras sensações ao verbo, aos significantes familiares, apaziguando a convocação imaginária ali onde falta um corpo. Outro efeito das suplências simbólicas à falta imaginária é que A. se organiza quando são formuladas explicitamente as sutis regras da vida em sociedade. Segue um exemplo dessa tagarelice que não deduz da relação especular as boas regras de uma conversa:

Ele está menos ansioso, divertido, e até interessado e bem-humorado, afetuoso. Seu maior problema está sendo monopolizar a conversa. K. [Klein] mencionou para Mrs. D. [tutora] que ele explicou para K. que assim é que uma conversa deve acontecer: que R. fala para A., B. e C. e não apenas uma pessoa deve ser escutada. Mrs. D. disse que era exatamente assim a forma que explicara para A como se adaptar em conversas num grande círculo (com muitas pessoas). A impressão que K. teve era de que ele estava tentando muito agir de acordo com esse pensamento. (Klein citado por Furtado, 2021, p. 273)

Nesse caso, é a tutora que enuncia as regras, ele as repete para Klein e tenta assiduamente aplicá-las, mas nem sempre consegue. Ele não pode se perguntar pelo desejo do Outro a partir dos encontros e desencontros com os semelhantes. Ele tem encontros melhores com os semelhantes a partir de leis bem enunciadas.

Sigamos Nominé para acompanhar o que seria uma posição favorável para o analista nos encontros com esses pacientes sem Outro. Estamos nos perguntando sobre o que operava na análise de A.

A inscrição significativa só é possível sob a condição de que exista um Outro, quer dizer, não tanto o lugar do significante (esse lugar jamais falta), mas um parceiro que o encarne e que troque objetos com o sujeito. (...) Na série dos bons encontros, é preciso situar o encontro com um psicanalista que saiba produzir, com tato e prudência, um pouco de alteridade para fazer suplência a esse Outro que tarda a nascer. (Furtado, 2021, pp. 14-15)

É interessante que Nominé aponte para uma série de bons encontros. De fato, A. tinha relações significativas com algumas outras pessoas também, bem como com a música. Klein, essa parceira encarnada que trocava objetos com Dick, que construiu seu pouco de alteridade sobre essa particular ilha de interesse (para usar os termos de Maleval) de seu paciente.

Strauss, em um texto que também está publicado na revista *Marraio*, explora o que Lacan disse sobre os autistas na Conferência de Genebra: “certamente há alguma coisa a lhes dizer” (Lacan, 1975). Isso toca de perto nossa questão sobre o lugar que Klein ocupava para A., já que ela lhe falava muito. Strauss diz algo carregado de experiência clínica:

É possível lhe falar na perspectiva de ajudá-lo a constituir uma identidade imaginária, isto é, uma totalidade imaginária que até então pode lhe faltar. O primeiro tempo do trabalho com o autista é a constituição daquilo que Lacan isolou como “o estádio do espelho”. (Strauss, 2001, p. 30)

Ele prossegue: “Quando o autista adquire essa imagem de si, muda clinicamente de maneira muito visível: como dissemos, ele passa a habitar seu corpo, apruma-se, adquire um olhar que ele dirige ao outro, e se põe a falar” (Strauss, 2001, p. 31).

Nas trocas com esse Outro encarnado por Klein com delicadeza, Dick se deixa representar por um significante Dick-trem para um outro significante Papai-trem e assim se assenta em um corpo, um corpo que percorre caminhos legíveis, já não mais erráticos. Comentando um outro caso clínico de autismo que também traz uma cena “inaugural” de entrada do Outro, Sauret escreve: “A existência, até então idêntica aos erros/errâncias ao lado do Outro, real de uma escrita ilegível, sofre o golpe do significante” (Sauret, 2011, p. 2).

Strauss propõe pensarmos em estados pós-autísticos para aqueles que construíram para si “uma significação imaginária do Édipo, um equivalente ao delírio, portanto, que tem a vantagem de permitir ao sujeito se identificar, de se alojar em situações novas, sem ter necessidade de se curvar a seus mecanismos de recolhimento autista” (Strauss, 2001, p. 32). Não é uma boa descrição para o trabalho de Klein com o paciente A.?

Apresentei *O sujeito na entrada da estação* nesta breve resenha a partir, é claro, das minha questões que tangem à clínica do autismo e suas mais recentes articulações com a psicanálise de orientação lacanianiana. O livro oferece a muitas outras vias de entrada. Ele faz, a partir desse novo caso — o caso A. —, uma série de incursões pela obra de Lacan: o autismo, a psicose, o vazio, o imaginário. Chegamos a nos sentir sentados à mesa com Achilles e seus alunos, debruçados na papelada de Klein e nos seminários de Lacan...

Percebo que, ao longo deste texto, referi-me tanto a A. como a Dick, muitas vezes sem me dar conta. Segue incompleta minha intenção de fazer de Dick o caso A., desejo causado por *O sujeito na entrada da estação*.

É o caso de levar essa viagem adiante.

## Referências bibliográficas

- Furtado, L. A. R. (Org.) (2021). *O sujeito na entrada da estação: estudos sobre o caso Dick, a clínica psicanalítica e o autismo*. São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Lacan, J. (1975). *Conférence à Genève sur le symptôme*. Recuperado de <https://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/05/1975-10-04.pdf>
- Laznik, M.-C. (2016). Peut-on penser une clinique du nœud borroméen qui distingue psychose et autisme chez le tout-petit? In M. Bergès-Bounes & J.-M. Forget (Orgs.), *Les psychoses chez l'enfant et l'adolescent*. Paris: Erès.
- Nominé, B. (2001). O autista: um escravo da linguagem. In Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano. *Revista Marraio*, Rio de Janeiro, 2.
- Sauret, M.-J. (2011). L'autisme à la lumière de l'interprétation des rêves. *Psychanalyse*, 3(22). Recuperado em 7 de abril, 2023, de DOI 10.3917/psy.022.0029
- Strauss, M. (2001). O autismo. In Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano. *Revista Marraio*, Rio de Janeiro, 2.

**Recebido:** 01/07/2022

**Aprovado:** 15/07/2022